

## Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE

O PROJETO DA MODERNIDADE E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA:  
AINDA PODEMOS PENSAR UMA EMANCIPAÇÃO NOS TERMOS DO ILUMINISMO?Neyha Guedes Dariva\*  
Elisete Medianeira Tomazetti\*\*

**Resumo:** Neste trabalho exploraremos o conceito cunhado na modernidade, definido como projeto social, que até hoje representa nossos anseios educacionais. A meta de emancipação humana defendida pela *Aufklärung* (Iluminismo) tem nobres ideais, mas se efetiva como prometido? Nossa proposta é a de problematizar esta questão, como forma de repensar a própria atividade docente e o papel da educação em nosso tempo.

**Palavras-chave:** Educação. Emancipação. Modernidade. *Aufklärung*. Crítica.

**Resúmen:** En este trabajo exploraremos el concepto acuñado en la Modernidad, definido como proyecto social, que hasta nuestros días representa nuestras pretensiones respecto a la educación. La meta de la emancipación humana defendida por la *Aufklärung* (Iluminismo) tiene ideales nobles, ¿pero podemos decir que se efectiva como fue prometido? Nuestra propuesta es problematizar esta cuestión como forma de repensar la propia actividad docente y el papel de la educación en nuestro tiempo.

**Palabras claves:** Educación. Emancipación. Modernidad. *Aufklärung*. Crítica.

## Introdução

A atividade docente carrega algo para além da efetiva preparação do sujeito para o mundo que o cerca. Desde a modernidade a educação traz consigo uma nobre meta: a de emancipar o sujeito. Para

além de pensar as práticas em sala de aula que possam auxiliar nesta busca, é necessário também um trabalho de reflexão sobre o próprio conceito almejado. A atividade docente não se encerra somente em habilidades práticas, mas é comprometida com a reflexão crítica<sup>1</sup> constante. Assim, parece fundamental problematizar as bases constituintes daquilo que entendemos como sendo nossa meta educacional.

Talvez possamos concordar que nossa sociedade tem como característica atual a facilidade em tomar conceitos como autoexplicativos, o que acarreta o prejuízo de nem sempre fazermos a adequada refle-

\* Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Mestranda do programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientanda da professora Dr.<sup>a</sup> Elisete Medianeira Tomazetti. Membro do grupo de pesquisa e estudos *Filosofia, cultura jovem e ensino médio* (FILJEM) da UFSM e membro do grupo de pesquisa e estudos *Marxismos, política e sociedade* (GEMA) da UFFS. Contato: [neyhadariva@gmail.com](mailto:neyhadariva@gmail.com)

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Associada III da Universidade Federal de Santa Maria, pelo Departamento de Metodologia do Ensino. Coordenadora do grupo de pesquisa e estudos *Filosofia, cultura jovem e ensino médio* (FILJEM). Contato: [elise-tem2@gmail.com](mailto:elise-tem2@gmail.com)

<sup>1</sup> Salienta-se que o termo empregado refere-se ao sentido usado pelo filósofo Theodor W. Adorno. Assim, a *reflexão crítica* seria o exercício de entendimento comprometido com uma finalidade ética e não o mero exercício de reflexão despretenso. Observamos também que o mesmo se difere do sentido adotado por alguns autores posteriores.

xão sobre a validade daquilo que consideramos como sendo *uma* verdade dada. Assim acontece com alguns termos e conceitos usuais. O conceito abordado, *emancipação*, reflete a confusão comum quando se pretende a atribuição de significado. A emancipação proposta pelo Iluminismo (movimento responsável pela difusão da meta de emancipar) não encontra condições de possibilidade para sua efetivação, pois guarda em seu próprio conceito a contradição que o impossibilita. Neste trabalho trataremos desta problematização, mostrando tal contradição. O objetivo é fomentar a reflexão acerca do que chamamos de emancipação no presente e qual seria de fato as possibilidades de sua efetivação. Esta pesquisa integra a dissertação de mestrado em andamento, de uma das autoras, e reflete seu problema central.

### Emancipação, a promessa da modernidade

Emancipar é um dos objetivos educacionais em voga desde o movimento *da ilustração*<sup>2</sup>. Longe de entender o *Iluminismo*<sup>3</sup> como único articulador de tal objetivo ético, a ideia de emancipação parece ser uma consequência histórica de inúmeras fontes. É difícil traçar uma explicação para

compreender porque tais ideias e propostas ganham *status* de verdade em detrimento a outras, todavia podemos estabelecer algumas pistas que nos ajudem a entender o que o movimento *da ilustração* defendeu, quais seus motivadores e como exprimiu a demanda da própria sociedade da época.

Não seria prudente acreditar que grandes pensadores eram homens além de seu tempo, grandes reveladores de verdades obscuras. O que consideramos como mais correto e seguro é que eles eram homens e mulheres de sua época, grandes estudiosos que captaram – num termo hegeliano – o *espírito* de seu tempo. Assim, não se trata apenas de dizer da realidade ou traduzi-la para os tolos. Mas sim compreender que os grandes pensadores foram capazes de expressar discursivamente as tramas, as questões, os enredos, as possíveis respostas para as inquietações de cada período. E o *Iluminismo* o que tem haver com isso?

Certa vez Foucault elogiou Kant por sua obra *Resposta à pergunta: que é o iluminismo?* e afirmou que apesar de ter sido uma obra considerada de pouca importância na época, revelava muito sobre a preocupação filosófica que ocorreria dali para diante. Kant se preocupou com entender seu tempo e o sujeito daquele período. Para Foucault (1995, p.239),

Quando, em 1784, Kant perguntou: *Was heisst Aufklärung?*, ele queria dizer: o que está acontecendo neste momento? O que está acontecendo conosco? O que é este mundo, esta época, este momento preciso em que vivemos? Em outras palavras: o que somos, enquanto *Aufklärer*, enquanto parte do Iluminismo? Façamos uma comparação com a questão cartesiana: quem sou eu? Eu, enquanto sujeito único, mas

<sup>2</sup> Movimento filosófico de cunho global (político, econômico e cultural) surgido na Europa no final do século XVII, ganhando maior expressão durante o século XVIII.

<sup>3</sup> O termo em alemão *Aufklärung* possui inúmeras traduções. Neste trabalho adotaremos diversas formas de expressar o movimento citado de mesmo nome. Essa escolha deve-se ao fato de considerarmos que as diferentes traduções contribuem para a melhor apreensão da totalidade e do significado do conceito. Assim, ao nos referirmos ao movimento do *Aufklärung*, também o faremos na forma de Iluminismo, esclarecimento, luzes e ilustração.

universal e a-histórico - eu para Descartes é todo mundo, em todo lugar e a todo momento? Kant, porém, pergunta algo mais: o que somos nós? num momento muito preciso da história. A questão de Kant aparece como uma análise de quem somos nós e do nosso presente. Creio que este aspecto da filosofia adquiriu cada vez maior importância.

Seguindo essa afirmação, entendemos melhor a importância política e social do movimento ao qual Kant fez parte: *die Aufklärung*. O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu do século XVIII. Sua influência direta foram as ideias disseminadas durante o Renascimento (séc. XV e XVI), após o fim da Idade Média. As principais metas deste movimento eram a libertação do homem em relação aos dogmas religiosos, a supremacia da ciência e da razão humana e a liberdade econômica. A época nos diz muito sobre tais objetivos. Desde o século V a humanidade vivera um regime religioso; todo pensamento filosófico, as relações sociais e de trabalho eram marcadas pela vigilância da igreja – que nesse momento era a própria figura do Estado soberano. Muitos foram os motivos que levaram a um novo modelo econômico; mas no campo social/intelectual o que rompeu com o paradigma religioso foi algo que nos é muito familiar na atualidade: a ciência. Foram as descobertas da recém-nascida ciência experimental que desestabilizaram todo um sistema de crenças que organizavam a sociedade. Foi este – e outros tantos fatores de ordem política, econômica e social – que contribuíram para que a idade média fosse superada.

### Kant e o *Aufklärung*, uma necessidade humana

No texto kantiano citado por Foucault, *Was heisst Aufklärung?* (2009) o filósofo, de maneira bastante didática, procurou descrever o que era afinal ser um sujeito esclarecido, emancipado. Para Kant o Iluminismo seria a expressão máxima da razão humana. Segundo essa afirmação, esclarecer-se seria o mesmo que se tornar dono e único responsável por suas escolhas. Devemos lembrar que Kant apostou na razão como instrumento moral; logo, não devemos entender apressadamente que o filósofo defenda um tipo de sociedade desordenada onde cada um pode fazer o que lhe vem à mente. Para Kant, a razão humana é capaz de chegar, quando bem utilizada pelo sujeito, a um axioma moral. Esse axioma é universal; assim, a organização e a paz estariam asseguradas, segundo sua teoria.

Já no início de seu escrito sobre o esclarecimento Kant exalta o lema máximo desta nova ideologia: *sapere aude*<sup>4</sup>! Segundo essa perspectiva o conhecimento seria a consequência da libertação humana das amarras da menoridade intelectual, da preguiça e da covardia. Emancipar-se é a meta do sujeito livre. Dissemos anteriormente que a ciência experimental contribuiu para a saída da Idade Média e foi responsável por um novo paradigma. Imaginemos o contexto do referido período para que possamos entender de maneira mais ampla e realista as profundas mudanças oriundas das descobertas científicas durante a era medieval.

<sup>4</sup> Tradução do autor: tenha coragem de saber.

A Idade Média foi um período compreendido entre os séculos V e XV, que tem como característica econômica o feudalismo. Longe de fazer parte da nossa pretensão, neste trabalho, explicar todas as teias e entrelaces que produziram o período, nos é, apenas, interessante compreender a estrutura social estabelecida. A população geral era composta por nobres, guerreiros e servos – nesta ordem hierárquica. Todos submetidos a dois poderes: ao soberano e à igreja. O próprio soberano era, de certa forma, submetido à igreja. A força da igreja se dava enquanto detentora da Verdade; de todas as pequenas verdades, mas, sobretudo, **da grande verdade**. A igreja continha o que há de mais precioso, a esperança; ela continha os céus e a chave para quem desejasse e merecesse entrar no reino de Deus.

Se os filósofos são homens de seu próprio tempo, como dito anteriormente, não será estranho dizer que a produção filosófica do período foi totalmente voltada para preocupações que tivessem relação com a metafísica, com as verdades universais e, claro, com o próprio Deus. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino são os principais representantes da filosofia deste momento da história e escreveram obras como: Cidade de Deus (Santo Agostinho, 426 D.C), Confissões (Santo Agostinho, 400 D.C), Suma Teológica (São Tomás de Aquino, 1273 D.C), entre outras. Esse era o conhecimento científico respeitado na época.

Em meio a muitas mudanças econômicas e políticas o modo de fazer ciência também se transformava. O que ficou conhecido mais tarde como *revolução cientí-*

*fica* foi uma complexa soma de inúmeras experiências e descobertas feitas ao longo dos séculos. Muitas dessas descobertas científicas colocavam totalmente em contradição as crenças e dogmas religiosos. Talvez o exemplo mais considerável de uma dessas descobertas seja a ruptura do modelo cosmológico geocêntrico para o heliocêntrico. Mais do que descrever o movimento dos planetas e do Sol, o geocentrismo religioso tratava de uma postura do próprio homem e de sua relevância na organização do universo. A descoberta científica não somente provou que era em torno do sol que todos os planetas giram, mas desestabilizou a própria condição humana.

*Sapere aude!* Não é um pedido, é uma necessidade humana. As bases do nosso conhecimento foram desfeitas e refeitas sobre novo solo e com novas ferramentas. Kant não anunciou um novo tempo, mas descreveu os anseios de sua época. Era preciso se livrar das amarras das explicações míticas, era preciso superar a metafísica. A ciência era a expressão máxima da nossa razão, da capacidade humana de dominar a natureza, de entendê-la e de prevê-la. Kant (2009, p. 09) considera que “o Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”. Tal menoridade seria a incapacidade de cada um servir-se de seu próprio entendimento, de livrar-se da compreensão fácil por intermédio de outros. Para o filósofo (2009, p. 09),

Tal menoridade é por *culpa própria* se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio en-

tendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo. A preguiça e a cobardia são as causas por que os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controlo alheio (*naturaliter maiores*), / continuem, no entanto, de boa vontade menores durante toda a vida; e também porque a outros se torna tão fácil assumirem-se como seus tutores. Não me é forçoso pensar, quando posso simplesmente pagar; outros empreenderão por mim essa tarefa aborrecida. Porque a imensa maioria dos homens (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e também muito perigosa é que os tutores de boa vontade tomaram a seu cargo a superintendência deles.

Alcançar a *maioridade*, nos termos kantiano, seria o mesmo que tornar-se emancipado. Kant defendeu que essa era a meta de seu tempo e a meta da própria educação. A tradução do próprio termo empregado por Kant nos garante essa afirmação; *Aufklärung* é emancipação; trata-se de uma pretensão de elevação humana. Como dito anteriormente, a teoria do filósofo embasa tal pretensão como possibilidade da nossa racionalidade. Assim, todos nós seríamos capazes de nos tornarmos emancipados, iluminados e autônomos.

#### **Esclarecimento: contradições e (im)possibilidades**

O esclarecimento, nesta perspectiva, é centrado no próprio sujeito e guarda em sua lógica a própria organização de uma racionalidade científica. A ambição moderna de esclarecimento prevê um sujeito totalmente liberto de sua relação com a metafísica. A ciência é a oposição direta à fé. Mito e conhecimento passam a compreender duas categorias diferentes, distintas e

opostas. Essa dicotomia entre *conhecimento seguro*<sup>5</sup> e mito está pautada no novo paradigma instaurado na passagem entre Idade Medieval e Modernidade; entre ciência especulativa e ciência experimental.

A proposta iluminista obteve um duplo efeito na posteridade: 1) foi condição de possibilidade para uma operação racional que permitiu avanços científicos e tecnológicos e 2) colabora para um enfraquecimento reflexivo. A modernidade marca uma profunda mudança nas relações sociais, na nossa forma de pensamento e na interação do homem com a natureza. Ninguém discordaria que nosso tempo presente é fruto de tais ideias e mudanças, trazendo na bagagem histórica toda uma construção do sujeito e de relações com o mundo. A centralidade do sujeito como objeto das preocupações filosóficas, a razão como sendo a ferramenta mais confiável de interação com o mundo e a ciência como nova ferramenta de *conhecimento seguro*, garante ao homem uma nova forma de organização que perdura até o tempo presente.

1) A ciência anterior a este período, também conhecida como ciência especulativa, tratava de uma relação com o mundo bastante diferente do que estamos acostumados em nosso século. A filosofia fazia parte desta ciência e dava conta de “revelar” o conhecimento e procurar as indagações pertinentes. Quando Platão descreveu sua teoria sobre *o mundo das ideias* ele estava fazendo ciência; e a estava fazendo na medida em que pretendia explicar o mundo, conhecer. Todavia a premissa fundamental da ciência experimental ainda

<sup>5</sup> Termo utilizado no sentido adotado por Francis Bacon, citado posteriormente neste trabalho.



não se fazia presente com força necessária: a dominação da natureza.

Francis Bacon (1561-1626) é considerado o pai da ciência moderna e tinha como proposta audaciosa a meta de utilizar da natureza o máximo em benefício do homem. Não se tratava de uma tomada gananciosa ou sem limites dos recursos naturais, essa discussão não estava em jogo na época. Seu vislumbre estava entrelaçado na lógica do empoderamento humano. Quanto mais o homem pudesse controlar a natureza, mais livre ele estaria dos medos que o prendiam. Em suma, Bacon defendia uma concepção de método científico que valoriza a experiência e a experimentação. Sua grande preocupação foi definir um método em que o erro fosse ao máximo evitado, para, segundo ele, levar o homem ao caminho do *conhecimento seguro*. Conforme Oliveira (p. 29, 2002),

no projeto de Bacon, a tarefa da ciência é a progressiva resolução das nossas necessidades. Uma vez que a liberdade não é mais localizada na relação cognitiva com as verdades eternas e imutáveis, o conhecimento que se procura avançar deve liberar o homem do jugo da necessidade, enfrentando-a no seu próprio terreno. Para tanto, o tempo livre deve ser empregado, e o tempo liberado com o desenvolvimento dos instrumentos deve ser reinvestido no progresso das técnicas e das teorias, pois a teorização passa a ser atravessada pela mesma lógica que permeia o avanço tecnológico.

Como se percebe, as demandas sociais em voga no período que compreende a saída da Idade Média formam o aparato racional necessário para o desenvolvimento científico nos termos de um avanço tecnológico. Tanto o Iluminismo quanto as teori-

as científicas da época - e mesmo as relações econômicas - são partes de um acontecimento processual de mudança histórica/social. A proposta do movimento *da ilustração* possibilitou o advento científico, assim como o próprio discurso científico reforça as premissas do movimento. A essa faceta de nossa racionalidade Adorno e, também, Horkheimer chamaram de *razão subjetiva*.

2) A racionalidade subjetiva pode ser conceituada como sendo a faculdade de coordenação entre meios e fins. Ou seja, mostra-se como o funcionamento abstrato do mecanismo do pensamento. O perfil subjetivo de nossa racionalidade está intimamente ligado ao lado calculista de tomada de decisões, é prático e quase mecânico. Entende-se, portanto, que uma razão subjetiva leva pouco em consideração o conteúdo específico das ações, considerando mais fortemente a finalidade imediata; obedecendo ao critério de utilidade. Não é difícil perceber exemplos diários deste modelo de racionalidade. Como esse tipo de razão se relaciona de forma parcial com os fins, acaba por estabelecer que eles são válidos por servirem, ou não, ao interesse do sujeito; ao interesse da autopreservação. Em suma, podemos dizer que a sociedade de nosso tempo, desde a modernidade, tem estabelecido uma relação interpessoal totalmente imersa na mesma racionalidade empregada pela ciência. Essa afirmação não é nova. A *revolução científica* do século XV e XVI é tanto fruto de uma demanda social quanto produtora de uma nova sociedade. Nesses moldes, parece ser uma consequência lógica inegável que tenhamos nos reorganizado socialmente conforme

essas novas premissas *de verdades*. O conhecimento científico tem um procedimento específico, se relaciona com seu objeto na medida em que pode usá-lo. Assim, em nossas relações diárias não seria diferente, nos relacionamos com o mesmo critério de utilidade empregado pela ciência. Para Adorno/Horkheimer (1985, p. 24),

o esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si* torna *para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação.

É assim que o Iluminismo acaba por colaborar para que se alcance justamente o contrário do que se pretendia. Se a promessa era que por meio da razão e da ciência como detentora da verdade o homem se tornaria emancipado, o que se conseguiu foi o oposto. Cada vez mais o homem delega a outros o seu direito de refletir e de pensar por ele mesmo. Para Adorno/Horkheimer (1985) a racionalidade subjetiva impossibilita uma emancipação nos termos kantianos, uma vez que ela mesma se converte em mitologia e impossibilita o exercício básico da autonomia: a reflexão.

### A ciência como novo Deus

A explicação da natureza através dos mitos já é esclarecimento, é uma parcela deste. As *luzes* foram lançadas pelo referido movimento, mas este não percebeu que o mito também buscava o conhecimento e o perseguiu como se o próprio

mito fosse a origem da menoridade. Em um primeiro momento, essa parece ser uma ideia positiva, afinal, livrar-se dos mitos é também livrar-se de medos e amarras. Dominar os medos significou sempre dominar a própria natureza, como pretendeu a ciência moderna de Bacon e o próprio ideal iluminista. Eles atacaram então a religião e a sua metafísica, mas esqueceram que a razão objetiva estava, justamente, resguardada na metafísica. Era nela que se vislumbrava a finalidade humana e os valores universais de moralidade, justiça, sabedoria e etc.

A razão objetiva é uma outra expressão de nossa racionalidade, segundo a perspectiva filosófica de Adorno e de Horkheimer. Esse tipo de racionalidade não se relaciona unicamente com critérios de utilidade. O pensamento filosófico antigo, por exemplo, como o de Platão e Aristóteles, era fundado sobre uma teoria da razão objetiva. Sua pretensão baseava-se numa objetividade, uma verdade do mundo por ela mesma. De acordo com Horkheimer (2002, p. 16), “quando se concebeu a ideia de razão, o que se pretendia alcançar era mais do que a simples regulação entre meios e fins: pensava-se nela como o instrumento para compreender os fins, para *determiná-lo*”. Segundo ele (2002, p. 17),

por um lado o termo razão objetiva denota como essência uma estrutura inerente à realidade que por si mesma exige um modo específico de comportamento em cada caso, seja uma atitude prática ou seja teórica. Todo mundo conhece situações que, pela própria natureza, e inteiramente à parte de qualquer interesse do sujeito, exigem uma linha definida da ação: por exemplo, uma criança ou um animal em

afogamento iminente, uma população esfomeada, ou uma doença individual. Cada uma dessas situações fala por si mesma uma linguagem. Contudo, desde que são apenas segmentos da realidade, cada uma delas poderá ser negligenciada por existirem estruturas mais abrangentes que exigem outras linhas de ação igualmente independentes de desejos e interesses pessoais. Os sistemas filosóficos de razão objetiva implicam a convicção de que se pode descobrir uma estrutura fundamental ou totalmente abrangente do ser e que disso se pode derivar uma concepção do destino humano.

Nesse sentido, a razão objetiva pode ser considerada a faculdade de nossa razão preocupada em estabelecer finalidades. Os sistemas filosóficos fundados nessa razão tinham como preocupação estabelecer a finalidade humana e baseavam-se, assim, em especulações acerca de nossa natureza. A linha de ação citada por Horkheimer dá conta dessa estrutura. Num sistema de razão objetiva cada ação é avaliada conforme uma estrutura maior, uma ética abrangente e com pretensão universal. Ao contrário da subjetividade, numa racionalidade objetiva, os objetos não são considerados autoexplicativos, a reflexão é parte indispensável neste tipo de razão. Todavia, na modernidade as ideias estão amparadas por uma razão subjetiva, de tal modo que passa a não fazer sentido falar de verdades nas decisões práticas, pois o pensamento é orientado apenas obedecendo ao critério de utilidade dos objetos e pessoas. Na racionalidade subjetiva as ações não são amparadas pela mesma estrutura ética do modelo objetivo, cada ação é julgada isoladamente seguindo um crité-

rio de utilidade que pode diferir em cada situação.

A atitude de autonomia que encorajava o esclarecimento tinha certamente nobres ideais. Mas, por outro lado, acabou por servir, contraditoriamente, como novas amarras para o conhecimento humano. Se antes o conhecimento era dado pela metafísica, religião e filosofia, e os mitos acalmavam a curiosidade do homem, agora a ciência se denomina como a única detentora da verdade e acaba por selecionar apenas aquilo que julga como relevante. A ciência acaba por ocupar o lugar de “novo Deus”. A técnica que trouxe consigo é excludente e, por esta razão, abandona outras formas do conhecer humano. Ao abandonar o mito, o homem não só abandona essa forma mais “primitiva” de esclarecer-se, mas deixa para trás parte de sua constituição intelectual. O Iluminismo, neste momento, entra em profunda contradição, pois ao suprimir a razão objetiva, acaba por inviabilizar o seu projeto de esclarecimento. Com a morte da metafísica, por assim dizer, o homem deixa de especular sobre a sua própria existência e estabelecer a finalidade da mesma, renunciando à compreensão da totalidade. Para Horkheimer (2002, p. 23),

os filósofos do Iluminismo atacaram a religião em nome da razão, e afinal o que eles mataram não foi a igreja mas a metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços. A razão como órgão destinado a perceber a verdadeira natureza da realidade e determinar os princípios que guiam a nossa vida começou a ser considerada como obsoleta. Especulação é sinônimo de metafísica, e metafísica é sinônimo de mitologia e superstição.



Com a queda da metafísica o que se deixa para trás é o próprio exercício de pretender as finalidades, de pensar o todo. O mito perseguido pelo esclarecimento já era uma expressão do próprio esclarecimento, pois pretendia também ensinar, relatar, dominar e até mesmo expor e fixar conteúdos. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 23), “os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento [...] muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina”. Assim, já se encontrava sob a ordem daquela disciplina que Bacon se referia como sendo o objetivo a se alcançar. Mito e esclarecimento não são antagonísticos, como afirmava o Iluminismo. São, na verdade, partes importantes de uma mesma razão, que só poderia dizer-se *emancipada* nesta relação e não fora dela. Uma emancipação nos termos do movimento da ilustração é contraditória e cai sempre na órbita daquilo que critica; vira ela mesma metafísica, elegendo seu próprio Deus incontestável e acrítico.

### Considerações finais

O conceito *emancipação* aparece, quase que de maneira obrigatória, sempre que pensamos ou delimitamos documentalmente os objetivos da educação contemporânea. Emancipar pode ser entendido como uma meta humana de tornar-se *maior*. Uma meta de tornar-se senhor de suas ideias e produtor de conhecimento, alguém que pense por si mesmo e que seja capaz de tomar suas próprias e corretas decisões. Parece sempre interessante perceber que a história não é fixa e que o tal “presente”

nunca é assim tão pontual. Queremos dizer com isso que o objetivo é atual, mas sua demanda é antiga. O conceito não foi forjado neste tempo em que vivemos. Na verdade, nem interessa saber em que momento exato a palavra se tornou viva; mas antes, a pergunta ideal seria: quais as heranças de nosso tempo? Ou sendo ainda mais específico, quais as heranças deste objetivo no presente e no âmbito da educação/escola?

O *esclarecimento* foi um grande movimento intelectual que deu conta de expressar um anseio social. Como dito, o homem órfão da revolução científica se questionou acerca de sua própria identidade e finalidade. A questão filosófica se efetivou na tentativa de entender e dar respostas aos problemas de seu próprio tempo. Assim, Kant se perguntou sobre o sujeito de seu tempo e viu no próprio homem as respostas que buscava; a razão humana daria conta de guiar para a verdade. A ciência é a técnica desta razão e seria capaz de garantir a saída do homem de sua condição de *menoridade*. Emancipação, autonomia, este era o objetivo humano: tornar-se livre.

Os tempos “sombrios” – um termo não tão adequado – da Idade Média, a dominação da igreja e a queda de sua autoridade dogmática deram embasamento para que se entendesse que era preciso livrar-se das explicações míticas e metafísicas. O *conhecimento seguro* provou que não residia nelas; o próprio homem era capaz de encontrar as respostas que procurava, o método criado se mostrou efetivo e seguro. Porém ao elevarmos nossa capacidade subjetiva de cálculo, de operação e medição acabamos por inviabilizar o tão

sonhado projeto da modernidade. Tornar-se emancipado, nos critérios do Iluminismo, passava necessariamente pela capacidade crítica e reflexiva dos indivíduos. Essa meta audaciosa, e utópica, de pensar sem a orientação de outrem não se efetiva numa sociedade acostumada instrumentalmente a tomar conceitos científicos, por exemplo, como verdades inquestionáveis. Não se trata aqui de teorias científicas, estas sabemos que são passíveis de mudanças e novas descobertas; trata-se antes de uma racionalidade científica. Muitos exemplos poderiam ser dados para apontar momentos e discussões onde discursos midiáticos, por exemplo, são “comprados como verdades” sem qualquer (ou pouca) reflexão por parte do indivíduo.

Em suma, pensar em uma emancipação nos termos do Iluminismo é reforçar a contradição latente entre a razão humana e a capacidade de reflexão. Uma racionalidade que não privilegia a reflexão crítica jamais servirá de base para que se alcance

a tão sonhada emancipação. Como vimos, os passos traçados pelo movimento do esclarecimento não deram conta deste problema; pelo contrário, estabeleceram critérios que reforçaram o distanciamento daquilo que almejavam. Uma educação para a emancipação só pode ser pensada quando levada em conta esta problemática de sua própria estrutura, para que possa ser tida enquanto pequenas possibilidades diárias e não como uma utopia romântica de cunho salvacionista. Consideramos tal reflexão de suma importância para pensar a educação contemporânea, dado que nossa base racional está envolta neste conceito por vezes tido como autoexplicativo, mas que acarreta inúmeras possibilidades e mesmo impossibilidades de efetivação. O que almejamos neste artigo não foi mais do que dar elementos a esta reflexão. Esperamos que nosso objetivo tenha sido alcançado, fomentando este processo crítico/reflexivo de nosso objetivo mais elementar.

### Referências

- ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder, In: DREYFUS, H. L. E RABINOW, P., **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 231-249, 1995.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo? In: **A Paz Perpétua e Outros Opúsculos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.
- OLIVEIRA de B. J. **Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 28/10/2016